

11-05-2021

A NOTÍCIA CHEGOU**Rodrigo Emídio Silva**

[Geógrafo. Professor na rede estadual e municipal Goiânia/GO.
Membro do Grupo de Estudos Dona Alzira/GO]

O olhar e o céu. A notícia chegou.

Antes da voz, o toque no ombro avisou que era o anúncio de luto. A velha recebia o pesar que o filho havia ido primeiro para arrumar a casa e esperá-la. “Madrinha, o Lino faleceu” e do vazio veio a dúvida: “Quem é o Lino?” Velada na demência, ela tem vultos, fantasmas, assombros, mas a sua memória é céu.

Os céus são desertos etéreos, imensidões sem areia e miragem. Vagava no infinito de uma vida deletada.

Lino, o filho, partiu asfixiado, agonizou com pulmões infectados. Os infinitos ares do céu da morte entraram pelas narinas. A convulsão delirante embaralhou as lembranças, vagou nas elevadas altitudes mortuárias.

A mãezinha respira sem memória, perdeu-se de si.

O filho deixou de respirar sabendo o nome da mãe.

A pandemia e a preguiçosa caminhada da vacinação deixaram inúmeros pais órfãos de filhos.

A vida não é um número que vaga na boca dos malditos grunhidos fascistas. A vida pesa, tem peso de gente.

A velhice é um caminhar pesado.

Há um ano, nessa mesma coluna, publiquei um texto sobre o ganhador do Oscar de melhor ator em 2020.

Joaquim Rafael Phoenix, em *Coringa*, humanizou o anti-herói, a loucura foi o fio condutor da existência: o choro, a maquiagem e o espelho.

A revolta fantasiada que assassina por acaso.

E esse ano, Anthony Hopkins leva a estatueta: aos 83 anos, torna-se o ator mais velho a ganhar o Oscar.

Esses dois filmes convergem numa simetria estética: inexistência da existência. A lucidez é uma chama de vela.

Os olhos paranoicos veem seus fantasmas como sombras à espreita e os olhos dementes lentamente deixam de ver.

A visão é uma atividade da consciência.

Cegos assistem o mundo pela palavra.

A câmera, em *Coringa*, nos leva ao sofrimento que precede a revolta. Ela vê no ângulo da lúcida loucura do personagem. As últimas cenas marcam o deslocamento da câmera consciência, e pela primeira vemos o filme fora do trôpego olhar lúcido do personagem.

Em *Meu Pai*, o diretor Florian Zeller embaralha as cenas, elas perdem-se no sentido da narrativa lógica.

O fora e o dentro, o presente e o passado tornam-se situações confusas. A proposta estética é que o espectador tenha a sensação visual de uma consciência que degenera. A mão da filha Anne (Olivia Colman) estende-se como bússola, mas a demência transforma a cartografia da existência numa mancha opaca.

Os olhos azuis-psiopatia de Hannibal, em *Silêncio dos Inocentes*, agora, em *Meu pai*, no personagem Anthony, carregam o céu da demência.

Em *Encontro Marcado*, o ator, no papel de William Parrish, tentou negociar com a morte. O empresário magnata tomado de toda consciência quis vencer a morte que ainda tinha direito à vida. Jogou o xadrez de Bergman, mas a morte sabe de todos os xeques-mates, o que temos é a duração da partida.

Nessa perpétua destruição, a única coisa que não morre é a morte. Mas o que encanta e espanta, em *Meu Pai*, não é propriamente a morte, é o estágio em que não existe esperança e a memória corroída. Tudo esvai.

A vida pesa sobre os pés. A demência transforma o caminhar pesado, que nos prende ao chão, numa vagante viagem em torno do nada. Não saber voltar para casa é signo de que não habitamos mais em nós.

O sono prolongado, que invade o dia, avisa que abrir os olhos para o mundo faz pouco sentido.

O infinito, de Clarice Lispector, é o íntimo imanente, uma estranheza agressiva no viver que nos consome quando a consumimos. O íntimo guarda silenciosamente os segredos do universo.

Meu avô, aos 90 anos, estava com os plenos pulmões da consciência, movido por paixão, cansou de viver e suicidou-se. Bebeu, em goles largos, veneno de rato.

A erosão eólica da vida não desgastou as rochas do rancor e da personalidade autoritária que o constituíram. Ele precisou intoxicar-se para vomitar-se. Ele buscou no envenenamento o vazio de si para ter paz. Vomitou o que foi, tirou a dureza de si à força.

Por 5 dias, na UTI, embaralhou a consciência, babou uma espuma preta. Mas no quinto dia, na minha última visita, uma lágrima cristalina minou daquela fonte que secava. Ele havia se perdoado. A vida é um ciclo e um círculo. Um círculo que se fecha em si mesmo.

Velhos, morremos tão frágeis quanto nascemos.

Morremos como crianças esquecidas pelo tempo.

O cantor Zé Ramalho cuidou do seu Avôhai no leito de morte. Enlutado, o cantor escreveu: morreu aquele que foi meu pai, meu avô e, nos últimos dias, meu filho.

A vida é breve para darmos jeito nela. ■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.